Volume 13 Issue 43
Originally issued as G13

Global Journal of Human Social Science
Linguistics & Education
Volume 13 Issue 13 Version 1.0 Year 2013
Type: Double Blind Peer Reviewed International Research Journal
Publisher: Global Journals Inc. (USA)
Online ISSN: 2249-460X & Print ISSN: 0975-587X

ANTIGONE: Victim of Desire or Heroine of her Time ?

By Denise De Paula Veras Aquino
Universidade Federal do Piuaí, Brazil

Abstract- Antígona é uma obra cuja análise e discussão foi amplamente difundida. Entretanto trata-se de uma tragédia cujo conteúdo é profícuo e até esgotá-lo é um longo caminho. Sem negligenciar as várias pesquisas, ainda que nos mais diversos campos, no que concerne à Antígona, intenta-se repensar a posição dessa personagem em relação a seu tempo. Avaliar a força motriz que impulsionou seus atos e a fez tomar atitudes drásticas e, nesse contexto, localizá-la enquanto heroína ou vítima. Este trabalho objetiva fazer uma análise da tragédia grega Antígona, de Sófocles, sob a ótica da Psicanálise de Lacan para buscar compreender em que categoria a personagem se enquadra. Para tanto lançou-se mão de uma pesquisa bibliográfica cujos autores privilegiaram, de alguma maneira, a obra analisada.

Keywords: *antígona, lacan, desejo, psicanálise – literatura.*

GJHSS-G Classification: *FOR Code: 380299, 330199p*

ANTIGONE VICTIM OF DESIRE OR HEROINE OF HER TIME ?

Strictly as per the compliance and regulations of:

© 2013. Denise De Paula Veras Aquino. This is a research/review paper, distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-Noncommercial 3.0 Unported License http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/), permitting all non-commercial use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

ANTIGONE: Victim of Desire or Heroine of her Time ?

Denise De Paula Veras Aquino

Resumo- Antígona é uma obra cuja análise e discussão foi amplamente difundida. Entretanto trata-se de uma tragédia cujo conteúdo é profícuo e até esgotá-lo é um longo caminho. Sem negligenciar as várias pesquisas, ainda que nos mais diversos campos, no que concerne à Antígona, intenta-se repensar a posição dessa personagem em relação a seu tempo. Avaliar a força motriz que impulsionou seus atos e a fez tomar atitudes drásticas e, nesse contexto, localizá-la enquanto heroína ou vítima. Este trabalho objetiva fazer uma análise da tragédia grega Antígona, de Sófocles, sob a ótica da Psicanálise de Lacan para buscar compreender em que categoria a personagem se enquadra. Para tanto lançou-se mão de uma pesquisa bibliográfica cujos autores privilegiaram, de alguma maneira, a obra analisada. A fundamentação teórica versa em autores como Miriam Chnaiderman, Rachel Gazolla, Jacques Lacan, Evair Aparecida Marques, Kathrin H. Rosenfield, Sòfocles e Adalberto de Oliveira Souza. Fez-se uso de referenciais teóricos fundamentados em teorias psicanalíticas. O que foi possível observar em Antígona é uma consciente transgressão dos limites humanos. O Desejo de enterrar seu irmão Polinices representa o bem maior, o que é correto a fazer, a certeza de uma morte que não será em vão. Ela, então, age movida por esse desejo cujo objetivo primeiro é fazer o bem pela família, em nome do Oikos, a lei divina.

Palavras-chave: antígona, lacan, desejo, psicanálise – literatura.

I. Introdução

Antígona é, seguramente, uma obra cuja análise e discussão já foi amplamente difundida. Entretanto trata-se de uma tragédia cujo conteúdo é tão profícuo que esgotá-lo torna-se tarefa hercúlea. Mesmo após mais de dois mil anos as tragédias de Sófocles continuam a ser atuais, Antígona não é diferente.

Sem negligenciar as várias pesquisas, ainda que nos mais diversos campos, no que concerne à Antígona, intenta-se repensar a posição dessa personagem em relação a seu tempo. Avaliar a força motriz que impulsionou seus atos e a fez tomar atitudes drásticas e, nesse contexto, localizá-la enquanto heroína ou vítima.

Para tanto a interlocução entre literatura e psicanálise se faz essencial, tendo em vista que a análise levantada tem como base o psicanalista francês Jacques Lacan.

A partir de suas teorias intenta-se traçar um perfil em que Antígona melhor se enquadre, um perfil perceptível na leitura da tragédia. É certo que a postura da protagonista é polêmica e provoca divergência de posicionamentos, todavia a proposta de localizá-la numa das categorias propostas constitui-se num outro olhar sobre essa clássica tragédia.

II. Psicanálise & Literatura

Relacionar literatura e psicanálise é uma prática frequente tanto entre psicanalistas como entre literatos, visto que ambos tem em comum a linguagem. A literatura surge como exercício de linguagem, a psicanálise como um conjunto de conhecimentos que busca sua interpretação.

"A ferramenta mais importante da psicanálise é a linguagem, seu traço comum com a literatura. Além disso, ambas tem como fundamento a subjetividade, até quando transmitem uma ocorrência de amplo valor social." (SOUZA, 2005, p.206)

A relação entre esses campos do saber possibilitou apropriações de ambas as partes. Os literatos absorveram a psicanálise e vice versa, como apontou Chnaiderman (1989, p.23):

Hoje, a literatura e a psicanálise se misturam: há vários textos escritos por não analistas onde conceitos analíticos são utilizados para fazer crítica literária. Da mesma forma, várias coletâneas, escritas por analistas, abordam questões literárias. Quando Lacan coloca em questão a psicanálise em suas bases ideológicas, no momento em que ele estabelece uma clivagem entre o saber e a verdade, ele coloca o problema da questão dos dois domínios de modo mais claro. Ficção, verdade ou saber? O problema fica mais claro, mas não a resolução do problema.

Para pensar num viés psicanalítico a tragédia escolhida nesta pesquisa, a saber "Antígona" de Sófocles, será abordada a perspectiva do psicanalista francês Jacques Lacan.

III. A Tragédia Grega

A tragédia é um gênero literário de origem grega que se caracteriza pela seriedade dos temas tratados tendo sempre como mote conteúdos cuja relação com a ética e a moral humana são profundas. Para os gregos a comédia se constituía num gênero menor, por isso os temas considerados de maior importância eram explorados na tragédia.

Author: Universidade Federal do Piuaí - UFPI.
e-mail: deniseveras1@gmail.com

© 2013 Global Journals Inc. (US)

Na tragédia, toda situação que implica a ação desmedida de um personagem expressa a hamartia, a falha ou o erro daquele que agiu de modo excessivo e gerou uma difícil situação.O erro tem um valor e uma vivência comunitária expressos na figura do herói trágico, e os assistentes do teatro sabem quando uma ação se apresenta com hýbris,como excesso, podendo prever o peso do sacrifício que virá ao herói como expiação para a devida purgação do comunitário. A tragédia, portanto, resgata o que há de fundamental a pensar nas relações humanas em comum. (GAZOLLA, 2001, p.26-27)

Os conflitos abordados buscavam oferecer educação moral ao público através da kátharsis. Segundo Mello (2000 apud MARQUES, 2003) A tragédia transforma o horror em beleza.

O assistente da peça precisa identificar-se com o que está sendo exposto para que a purificação aconteça.

O purificatório trágico é sagrado, é educativo, ritualístico e cívico. Ao mesmo tempo, é pessoal, diz respeito ao modo de sentir de cada um dos assistentes em consonância do comunitário. Ele purifica no sentido de que, ao aproximar o homem da vivência de seus limites e deslimites, propicia-lhe a visão do sagrado interdito e do profano objetivados no teatro. Presenteia o assistente com a possibilidade de expandir seus julgamentos, sua capacidade de pensar sobre a pessoa e suas relações com as outras pessoas. (GAZOLLA, 2001, p.38-39)

Nesse sentido o teatro grego carrega consigo uma responsabilidade social, como apontou Rosenfield (2002, p. 9) ele não é liturgia ou lazer, mas uma contemplação da política, sociabilidade e religião.

IV. Antígona

Uma das maiores tragédias da humanidade, Antígona, de Sófocles, foi escrita por volta de 442 a.C. e faz parte da trilogia do ciclo tebano. Depois de matar o próprio pai Édipo desposa a mãe, tendo com ela quatro filhos: Etéocles, Polinices, Antígona e Ismênia. Antígona é ao mesmo tempo filha e irmã do próprio pai.

A história se inicia quando Etéocles e Polinices se matam numa disputa pelo trono de Tebas. Depois do acontecimento sobe ao trono Creonte, tio dos filhos de Édipo, irmão de Jocasta.

Em seu primeiro édito ele decide que Etéocles deverá ser enterrado com todo cerimonial, pompas e glórias devidas aos mortos e aos deuses, já a Polinices ele nega esse privilégio. É aí que começa o drama de Antígona. Ela se recusa a deixar o corpo do irmão sem os ritos sagrados e decide enterrá-lo indo contra às leis humanas, mas obedecendo às leis divinas. Isso nos leva a questionar a significação de Antígona e o que ela, ainda hoje, representa.

Essa personagem foi, e continua sendo, apresentada como uma heroína. Aquela que transgride as leis da Pólis em nome de leis não escritas, as Leis Divinas, que remetem aos costumes de sua gente e sua época, pelos quais, segundo ela mesma, vale a pena morrer. Sua bravura ao lutar pelos valores familiares também lhe dão licença de heroína. Sobre o valor dedicado à família, Antígona afirma: “Eu vou enterrar o nosso irmão. E me parece bela a possibilidade de morrer por isso. [...] Devo respeitar mais os mortos do que os vivos, pois é com eles que vou passar mais tempo.” (SÓFOCLES, 199, p.8. grifo do autor)

Para enterrar seu irmão Polinices e fazer valer seu direito divino ao sepulto Antígona ultrapassa as leis do Rei Creonte:

A tua lei não é a lei dos deuses; apenas o capricho ocasional de um homem. Não acredito que a tua proclamação tenha tal força que possa substituir as leis não escritas dos costumes e os estatutos infalíveis dos deuses. Porque essas não são leis de hoje, nem de ontem, mas de todos os tempos: ninguém sabe quando apareceram. Não, eu não iria arriscar o castigo dos deuses para satisfazer o orgulho de um pobre rei. (SÓFOCLES, 1997, p. 22)

Para Lacan o Desejo é inconsciente, é diferente da Vontade, pois que essa se caracteriza exatamente pela sua própria consciência enquanto àquela é um impulso inconsciente e, consequentemente irracional. Antígona apesar de sucumbir ao seu Desejo mais íntimo e podendo, para alguns, torna-se vítima de si mesma, caminha ao status de heroína pois coloca o bem social acima de si mesma.

Embora Antígona possa ser associada à posição de vítima, devido sua cessão ao Desejo, nos cumpre observar que fala mais alto sua qualidade de heroína.

O caráter implacável de Antígona, a saber “sem temor nem piedade” enfatizam isso pois, segundo Lacan (2008, p. 316) “Só os mártires são sem piedade se sem temor”, nesse sentido Antígona lutou além dos limites por sua crença, pelo que ela julgava correto a fazer.

Sem se importar com as consequências de seus atos Antígona ultrapassou todos os limites humanos, indo para além da Até. Para Lacan (2008, p. 310) essa palavra “designa o limite que a vida humana não poderia transpor por muito tempo”. Quando transgrediu as leis de Creonte, assumiu como que com orgulho seu feito e não aceitou a morte ditada por seu algoz, buscando o suicídio como último gesto de empáfia, Antígona extrapolou todos os limites humanos e realizou o que buscava. Nesse sentido o desejo da filha de Édipo visava precisamente isto – para além da Até. Lacan (2008, p. 327).

Segundo Rosenfield (2002, p. 18) não é preciso crer em deuses, apenas ver Antígona é suficiente para perceber que há algo divino em certas atitudes e

© 2013 Global Journals Inc. (US)

modos de ser e de agir. Isso que a autora chama de 'divino' é o que impulsiona nossa personagem nessa luta travada, não apenas contra Creonte, mas contra toda uma sociedade, tendo em vista que ela abandona seu papel social de mulher submissa e obediente para assumir uma postura masculina, é mais que uma vontade de enterrar seu irmão, é um Desejo puro e incontrolável.

A postura de Ismena, seu choro, sua desorientação, indicam que ela abandonou as esperanças. Com esse derrotismo contrasta o vigor quase viril de Antígona, que nada tem dos atributos de feminilidade convencional de Ismena. Antígona já concebeu um plano para fazer face à situação difícil e não teme pensar, falar e agir como os homens de sua linhagem – abandonando o espaço protegido das mulheres e crianças. (ROSENFIELD, 2002, p. 24, grifo nosso)

Deixando-se levar por esse desejo Antígona não perde seu posto de heroína. Ela não o controla e vai além dos limites do fim para satisfazê-lo. Dessa maneira Antígona não se dobrou às leis de Creonte mas seguiu a crença de seu povo, de sua época.

Em seu Seminário 7 Lacan (2008, p. 294) nos apresenta Antígona como a materialização do próprio Desejo. Se possível fosse existir uma criatura humana que fosse apenas Desejo esse ser seria Antígona.

A personalidade forte e marcante de Antígona a diferenciam fortemente de sua irmã Ismênia que é como uma vítima de seu tempo, apresentando-se, no início da tragédia, como uma mulher temerosa e fraca.

Antígona é totalmente diferente de sua irmã, Ismena. Esta representa o que é a mulher na polis clássica (um ser frágil, suspeito, insignificante, cujo valor consiste em ser bonita e submissa), ao passo que Antígona tem a presença de espírito, o faro e a truculência de seu pai.

Essa postura temerosa e fraca de Ismênia se dissipa no final da tragédia, quando da prisão de Antígona ela pede à irmã que a deixe participar da responsabilidade do ato feito à Polinices, pedido que Antígona nega firmemente: "Não queira repartir agora a culpa daquilo em que não teve coragem de botar as mãos. Vive você. Minha morte me basta." (SÓFOCLES, 1997, p. 27)

Em momentos como é esse possível visualizar a carga que Antígona carrega. O sacrifício em prol do todo, pelo bem comum, o bem maior é colocado em primeiro lugar.

V. Conclusão

O que observamos em Antígona, então, é uma consciente transgressão dos limites humanos. O Desejo de enterrar seu irmão Polinices representa o bem maior, o que é correto a fazer, a certeza de uma morte que não será em vão. Ela, então, age movida por esse desejo cujo objetivo primeiro é fazer o bem pela família, em nome do Oikos, a lei divina.

Nesse aspecto os sacrifícios feitos pela protagonista da tragédia parecem apontá-la pelos caminhos do ato heróico. Segundo Lacan (2008, p. 294) Antígona é uma vítima terrivelmente voluntária. Aquela que escolhe seu fim, aquela que decide morrer pelo que julga valer a pena.

O ato heroico se configura justamente pela sobreposição do bem maior em detrimento do bem individual. O bem comum acima do bem de uma única pessoa. Assim, Antígona se configura a heroína dessa peça que, mesmo depois de mais de dois mil anos, ainda reverbera ensinamentos morais e éticos.

References Références Referencias

1. CHNAIDERMAN, Miriam. Ensaios de psicanálise e semiótica. São Paulo: Escuta, 1989. 175 p.
2. GAZOLLA, Rachel. Para não ler ingenuamente uma tragédia grega: ensaio sobre aspectos do trágico. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 139 p. (Leituras Filosóficas). ISBN: 85-15-02306-7.
3. LACAN, Jacques. O seminário: livro 7: ética da psicánalise. Versão brasileira: Antonio Quinet. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 387 p. (Campo freudiano no Brasil).
4. MARQUES, Evair Aparecida. Antígona: a pulsão de morte e o desejo puro de não ceder. In: CONGRESSO NACIONAL DE PSICANÁLISE, II., 2003, Fortaleza. Anais...Fortaleza: UFC, 2003.
5. ROSENFIELD, Kathrin H.. Sófocles e Antígona. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 72 p.
6. SÓFOCLES. Antígona. Tradução de Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 56 p. (Coleção Leitura).
7. SOUZA, Adalberto de Oliveira. Crítica psicanalítica. In: BONNICE, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. 205-211.

© 2013 Global Journals Inc. (US)